VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo

Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei
24, 25 e 26 de setembro de 2014
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

Fronteiras estéticas e morais na construção da auto-identidade pós-hardcore punk: um estudo de caso acerca das modas jovens undergrounds de Fortaleza

João Paulo Braga Cavalcante[1]

Resumo

Este trabalho aborda o gênero musical do pós-*hardcore* punk a partir da observação de contextos práticos de interação humana. Grupos de adolescentes que compõem uma espécie de cenário *underground* tornam evidente o processo de disseminação de modas e estilos de vida alternativos ligados ao *hardcore* contemporâneo, o que tem ocorrido em escala global. Foi realizado extenso trabalho etnográfico, no período de 2011 a início de 2013, entre os grupos urbanos na cidade de Fortaleza, Brasil. A população a qual nos voltamos é basicamente composta de indivíduos nascidos na década de 1990, o que significa dizer que não conheceram o mundo antes das transformações trazidas pela Internet. São os filhos de nossas tecnologias digitais, de nossos sistemas econômicos mundialmente integrados e de uma sociedade de consumo mais exacerbada. Muito do que já foi e do que se pretende *underground* tem transitado em direção ao *mainstream*, e boa parte do que foi e é encarado como alternativo tem ingressado numa complexa lógica de produção de mercadorias, com circulação simultânea global de bens simbólicos sem precedentes. No entanto, a partir dos dados empíricos do presente estudo, foram levantadas questões que ultrapassam a fronteira da estética, da sociabilidade e da moda alternativa do pós-hardcore punk, uma vez que no cenário das subculturas, como a Emo e a Gótica, há uma relação estreita com determinados comportamentos encarados como autodestrutivos (especialmente a automutilação e o suicídio). Para além da esfera estética comportamental, direcionamos a observação para questões que passam pela moral, uma vez que as fronteiras entre estilo de vida e autodestrutividade podem se confundir, sendo o caso da automutilação o mais emblemático no contexto do presente estudo.

Palavras-chave: Pós-*hardcore* punk; comportamento autodestrutivo; subculturas *undergroinds*; automutilação

[1] Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, jpaulobc@gmail.com.

1. Introdução

O presente trabalho foi extraído é de uma pesquisa de doutorado em fase de conclusão, onde abordamos as subculturas jovens urbanas, especificamente aquelas ligadas ao pós-*hardcore* punk, como a Emo e a Gótica, a partir das dimensões emocionais e afetivas que governam as motivações dos sujeitos. A tentativa foi ir além da camada estética e das tendências de consumo que envolvem a cultura alternativa contemporânea, abordando aspectos da vida interpessoal daqueles que compõem o cenário *underground*. As questões levantadas traçam um caminho que passa pelo que temos denominado de comportamento autodestrutivo, sendo alguns dos pontos mais importantes apresentados a seguir.

As subculturas tendem a rejeitar ou a se distanciar de convenções e normas sociais (HEBDIGE, 2002), e costumam, quase sempre, impressionar pelo estilo que exibem. Ultimamente, algumas subculturas têm chamado a atenção também por, supostamente, demonstrarem ter simpatia pela melancolia, automutilação e até suicídio. O caso mais emblemático é o da subcultura conhecida como Emo (acrônimo para a palavra inglesa *emotional*), um subgênero do punk nascido nos subúrbios de Washington, D.C na década de 1980. Suas canções são bastante emotivas, carregadas de lirismo. Atualmente, o *emocore* abrange não só um subgênero musical, mas todo um modo de vida. Muitos adolescentes, não necessariamente seguidores radicais do Emo, mas simpatizantes ou moderados, têm colocado fotos de seus próprios cortes em suas páginas pessoais na Internet ou em *sites* como o Youtube.com. Jornais de diversos países também têm apontando para o crescimento desta "onda", que vem ganhando popularidade nos últimos anos. CHRISTENSON e BOLT (2011), em um artigo sobre a tendência da autolesão no meio jovem, fazem a seguinte observação:

> The public became increasingly aware of emo culture between the years 2000 and 2005, during which time emo bands like "Dashboard Confessional" achieved national recognition and financial success. Despite the commercial success of the music, the general public was distrustful of emo music, but somewhat tolerant. Perceptions changed dramatically in 2008 when a 13 years-old girl named Hannah Bond committed suicide after becoming a fan of the band My Chemical Romance. Shortly before Hannah committed suicide she had shown her father cuts on her wrists and explained that they were part of her "emo initiation" (p. 73)[2].

A partir deste e de outros casos extremos (GOJANOVIC´ et al, 2009; PHILLIPOV, 2009), propagou-se a ideia de uma predisposição para a tristeza por parte dos jovens que adotam estilos de vida como Gótico ou o Emo. Outros *outsiders* a tais subculturas, como, por exemplo, pais, médicos ou educadores, frequentemente as encaram como um fator de risco, por induzir o indivíduo a fazer algo que para a maioria das pessoas tidas como normais é encarado como repugnante, inapropriado ou inaceitável.

[2] O público tornou-se cada vez mais conscientes da cultura emo entre os anos de 2000 e 2005, durante os quais bandas emo como "Dashboard Confessional" alcançou reconhecimento nacional e sucesso financeiro. Apesar do sucesso comercial deste tipo musical, o público tinha certa desconfiança da música emo, mas um pouco tolerante. A percepção mudou drasticamente em 2008, quando uma garota de 13 anos chamada Hannah James Bond cometeu suicídio depois de se tornar um fã da banda My Chemical Romance. Pouco antes de Hannah se suicidar, ela havia mostrado seus cortes nos pulsos ao pai e explicou que eles eram parte de sua "iniciação emo" (p. 73). (Tradução livre, do autor).

Diante disso, até que ponto um estilo de vida alternativo pode, por si só, representar um risco em potencial por levar a práticas compulsivas? Quando um comportamento deixa de ser um ato sofisticado de individualidade e de diferenciação frente aos padrões tidos como convencionais para se revelar em um problema sócio-afetivo ou de manifestação de conflitos internos? Por quais razões um jovem tipicamente tachado como Emo, Scene kid ou From Uk – algumas das subculturas jovens que são as modas comportamentais do momento – pratica a automutilação? Nestes casos, o limite entre transtornos psicológicos e estilo de vida pode parecer confuso.

Neste trabalho, restrito ao cenário empírico da cidade de Fortaleza, apresentamos alguns aspectos da autolesão, sobretudo na forma de automutilação, (cortes ou *cutting*) que julgamos fundamentais para discutir as questões acima.

2. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Esta investigação gira em torno dos limites entre estilo de vida e o comportamento autodestrutivo, entrando, portanto, no campo da moral. Está baseada em análise crítica – sustentada por trabalho empírico – acerca do que tem sido construído sobre automutilação de adolescentes que adotam estilos alternativos ou *underground*. Não pretende de modo algum enquadrar e reduzir o submundo *underground* contemporâneo tão somente na questão da automutilação, mesmo porque este fenômeno cresce e se propaga para além de ambientes onde há condutas desviantes e modas alternativas. Sua importância se deve aos resultados da investigação, em outras palavras, da forma como tem sido relatado e se manifestado entre os adolescentes que frequentam os cenários alternativos de Fortaleza; a automutilação emerge como uma dentre outras formas de conduta de risco.

O termo *underground* obviamente abrange uma diversidade bem maior de práticas culturais além de subculturas urbanas, como literatura, performance, música, ficção científica, crítica cultural, tecnologias, filosofia, movimentos sociais, política, comportamento, visual dentre outras. Muitas vezes uma subcultura, além de possuir um visual, é marcada por seu envolvimento na criação e disseminação de música ou poesia, gozando de uma filosofia de vida anticonvencional ou radical. Aqui o termo, sem perder de vista essa diversidade que invoca, é tomado mais em um sentido sociológico. Os sujeitos precisam se perceber ou se autodenominarem *underground*, ou moderados, no caso daqueles que preferem envolvimentos mais brandos com grupos que exibem estilo mais audacioso. É um aspecto, portanto, que de algum modo possa ser observado, registrado e analisado por investigação empírica[3]. Portanto, nossa preocupação aqui não é tanto as questões de significado ou de representações em torno que seja *underground* ou contracultura[4], mas as

[3] Como nesta simples declaração de um adolescente de 14 anos: "mano, eu não sou emo, não é porque sou underground, e ando com gente assim, que eu seja emo".

[4]Alguns autores são especialmente importantes para o diálogo acerca do underground, e particularmente para o estudo mais abrangente que deu origem ao presente artigo. Ver, por exemplo, White (2012), Williams (2008), Goffman & Joy (2007), Home (2004), Hebdige (2002), Szemere (2001), Bollon (1993).

conexões de ordem prática, entre a adoção de um modo de vida alternativo e o comportamento autodestrutivo no meio jovem ou adolescente.

As discussões aqui apresentadas interpretam a automutilação não como um distúrbio interno, mas como uma dentre outras manifestações de comportamento autodestrutivo, por sua vez, resultantes de configurações sociais, interpessoais e mesmo afetivas (CHANDLER, 2012). Isso não significa, porém, uma pretensão de menosprezar o que poderíamos chamar de "casos clínicos" de auto-lesão, que podem estar associados ao transtorno de personalidade *borderline* (LINEHAN, 1993).

O objetivo é, a partir de uma abordagem sociológica, em uma perspectiva interacionista, revelar e discutir outros tipos de automutilação que se propagam entre grupos urbanos de jovens alternativos, ou seja, que cresce além do ambiente clínico (WHITLOCK, 2006; 2009). Esta abordagem tem repercussões importantes para a ampliação do conhecimento do fenômeno em questão, colaborando para vislumbrar outros fatores envolvidos no *self-harm*, ou que levam certos jovens ou segmentos subculturais de jovens a esta conduta um tanto extrema e por vezes chocante. É neste sentido que a automutilação não deveria ser vista apenas como um fenômeno psicológico, nem como influência direta da imersão em uma subcultura que supostamente a cultiva.

Os fatores individuais, culturais, ou mesmo estruturais (tecnologia da informação, mercado de moda) e os determinantes históricos (subculturas predecessoras que influenciaram gerações) precisam estar integrados em uma análise que privilegie o ator social, sua fala, seu comportamento e o lugar de suas interações em grupos sociais.

A este respeito, conquanto uma discussão mais ampla acerca destes fatores não seja adequada no espaço e propósito deste artigo, cabe ressaltar que, do ponto de vista da investigação empírica, a estratégia de coleta de dados privilegiou métodos qualitativos. Por este motivo, esta pesquisa buscou empreender uma estratégia ou abordagem não muito diferente das etnografias, mas sobretudo na linha do que está na obra de sociologia do desvio de BECKER (2008), publicada no início da década de 1960.

Em uma linha interacionista, sua clássica monografia tem sido uma inspiração metodológica, particularmente suas conversas informais em meio à dinâmica da vida social dos "*jazzman* fumetas" (músicos de casa noturna usuários da maconha). Frente à tarefa para levantamento de dados que não fossem apenas via redes sociais *on-line* – nelas há certa fartura de dados acerca de automutilação – a informalidade para aproximar-se de modos de vida alheios para o pesquisador foi crucial para ganhar abertura e acesso aos diversos tipos de conversações e de comportamentos que os sujeitos empreendem na manutenção de cenários de interação particularmente interessantes para eles. Basicamente, neste trabalho, a noção de interação é apropriada a partir do conceito de GOFFMAN (2011):

> é a classe de eventos que ocorre durante a co-presença e por causa da co-presença. Os materiais comportamentais definitivos são as olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não. Eles são os sinais externos de orientação e envolvimento – estados mentais e corporais que não costumam ser examinados em relação à sua organização social (p. 9).

Através deste entendimento, aplicado ao cenário *underground* de sociabilidade, condutas de risco, *encontros* e reuniões informais, bem como escolhas de desvio são conceitos aqui aplicados visando a necessidade de abordar sentimentos que o próprio sujeito tem dificuldades para expor, e de interpretar suas condutas, justamente aquelas que são ocultadas – como é o caso dos cortes, e em menor intensidade, o abuso de álcool, drogas ilícitas e cigarros – por ele não lidar com suas tensões de um modo normativo (HODGSON, 2004). Tais tensões, que potencialmente podem resultar em um quadro de ansiedade, são encaradas de modo interligado a contextos sociais, decisivos para as escolhas, atividades e envolvimentos dos sujeitos com o mundo exterior e com sua auto-identidade. Imediatamente, acrescentamos que o sujeito é considerado um agente criativo, capaz de deslocar-se e de reagir diante das condições materiais, interpessoais e culturais que o cerca. Isso pode variar positiva ou negativamente, em uma escala gradativa bastante ampla, onde pode ou não prevalecer "rotinas autodestrutivas".

Mantendo-nos nesta perspectiva analítica, vemos que o jovem ou adolescente não é visto tragicamente como um indivíduo frágil pelo fato de aderir a uma subcultura (influenciável) ou por adotar práticas autodestrutivas, como o vício em bebidas ou em cortes. Ser diferente pode exigir coragem e enfrentamento, inclusive para evitar ou substituir a possibilidade de suicídio pelo corte.

Por esta razão, em linhas gerais, concordamos com GIDDENS (2002), quando coloca:

> Um envolvimento criativo com os outros e com o mundo-objeto é quase certamente um componente fundamental da satisfação psicológica e da descoberta de um "sentido moral". Não precisamos recorrer a uma antropologia misteriosa para vermos que a experiência da criatividade *como* fenômeno rotineiro é um apoio básico do sentido de dignidade pessoal e portanto de saúde psicológica. Onde os indivíduos não podem viver criativamente, seja por causa da repetição compulsiva das rotinas, seja porque foram incapazes de atribuir plena "solidez" a pessoas e objetos à sua volta, provavelmente resultarão tendências melancólicas ou esquizofrênicas crônicas (p. 44).

A pesquisa foi realizada em locais de encontro previamente estabelecidos, por aglutinarem quantidade significativa de interações de adolescentes e jovens que adotam estilo de vida alternativo, algo que pode facilmente ser notado pelos de fora através de vestimentas. Os dados que embasaram este estudo são bastante diversificados, consistindo em registro de conversações entre pesquisador e sujeitos da investigação ou entre eles próprios, fotografias, vídeos, depoimentos, tanto face a face como via Internet, mensagens de celular e vídeos sobre cortes no Youtube.com e os comentários feitos por outros usuários.

Portanto, as discussões que serão apresentadas são alguns dos principais pontos resultantes desta estratégia. Acopla, de uma maneira crítica, a adesão do indivíduo a determinados estilos de vida a potenciais riscos de comportamento autodestrutivo. O que deve ser interpretado a partir da consideração de determinados contextos e de suas experiências de vida.

3. DISCUSSÃO

3.1. Considerações iniciais

Grande parte das perspectivas psiquiátricas e psicológicas foca a automutilação como um fenômeno interno. Obviamente, há os casos em que os distúrbios de personalidade são graves, como o paciente *borderline*. A

questão é que outros casos que levam a este comportamento, nos últimos anos têm ocorrido largamente em contextos não-clínicos, se ampliado de tal forma que outras perspectivas de estudo são mais que oportunas. Dado a variedade de contextos, análises que focam as relações sociais e as condições afetivas, neste caso, dos adolescentes, parecem promissoras ao trazerem aspectos morais ou da interação social, o que abre consideravelmente espaço para a voz do sujeito no processo de compreensão do fenômeno (ADLER & ADLER, 2007; CHANDLER *et al*, 2011; 2012).

Mesmo no campo da medicina, há também perspectivas de significativa abertura e sensibilidade para com a voz dos sujeitos. Nestes casos, o conhecimento especializado vem fornecer maior abertura, propiciando a condição para que o indivíduo trabalhe o próprio *self*, ao contrário das intervenções conservadoras, nas quais o terapeuta tem *status* de superioridade ou o indivíduo é submetido exclusivamente à prática farmacológica.

Assim, em um manual de terapia voltado para pacientes *borderline* – o correspondente clínico dos jovens que acompanhamos nesta pesquisa, devido às tendências suicidas e de automutilação, a autora introduz aos pacientes princípios da dialética e da própria prática terapêutica, nos seguintes termos:

> a natureza fundamental da realidade é mudança e processo, em vez de conteúdo ou estrutura. A implicação mais importante nesse sentido é que tanto o indivíduo quanto o ambiente estão em constante transição. Assim, a terapia não se concentra em manter um ambiente estável e consistente, mas visa ajudar o cliente a se tornar confortável com a mudança. Dentro do próprio treinamento de habilidades, os terapeutas devem se manter cientes não apenas de como seus clientes estão mudando, mas de como eles mesmos e o tratamento que estão aplicando estão mudando ao longo do tempo (LINEHAN, 2010, p. 19).

A subtração de outros elementos envolvidos no corte obviamente não vem apenas de algumas abordagens médicas. Além, é claro, do senso comum, uma empreitada sociológica desprevenida pode adotar o discurso dos meios de comunicação formais ou das redes sociais *on-line*. Poderá ainda ser induzida a enquadrar todo ato de autolesão como sendo de fato autodestrutivo, fruto de dilemas existenciais, alias nada incomum na adolescência (ERIKSON, 1976; WINNICOTT, 1999).

Figure 1. Reunião informal de jovens *underground* (Emos,Góticos, *From* Uk dentre outros). Noite de sábado, movimentada calçada em frente ao Bar Maria Bonita, área nobre de Fortaleza. Fonte: Próprio autor, Novembro de 2012.

De um modo simplesmente objetivo, sim, qualquer ato contra o próprio corpo pode ser autolesão, seja ele fruto de diversão ou desafio, ou alguma forma de imitação como necessidade de ganhar aceitação de grupo. Mas para o pesquisador, interessa desvendar o ato que tem conexões mais profundas com as inquietações da personalidade, com os conflitos relacionados a contextos interpessoais emocionalmente problemáticos, dada a crescente literatura sobre automutilação e suicídio entre a juventude contemporânea[5].

Assim, o extenso trabalho de investigação empírica possibilita-nos propor algumas interpretações. Foi realizado nos locais onde os adolescentes *undergrounds* criaram uma rotina de encontros, onde também é possível observar reuniões informais (ver Figura 1). Nos tópicos a seguir tratamos da fronteira ambígua que envolve a conduta *underground* hoje e a aderência positiva ao *self-harm* em meio às formas de controle e sanções sociais.

3.2 - Considerações preliminares acerca das camadas de desvio

São comuns nos pontos de encontro de jovens *undergrounds* consumo de bebidas alcoólicas, cigarro ou mesmo de drogas ilícitas, não apenas maconha, como cocaína e LSD. Estes encontros ocorrem nos fins de semana, além das pracinhas de bairros periféricos de Fortaleza, também em lugares públicos de grande circulação: a orla da Praia de Iracema, a Praça Verde do Centro Cultural Dragão do Mar e a praça Portugal, todos próximos entre si. Estes três espaços, ao serem eleitos e apropriados por este segmento de jovens para suas atividades, constituem o cenário *underground*, sem o qual estas mesmas atividades não seriam possíveis, posto que, se pensarmos como GOFFMAN (2010), sofreriam fortes sanções, dado o constrangimento que causariam a *outsiders* no fluxo de suas interações. Torna-se um rico campo empírico, por aglutinar uma diversidade de sujeitos, tanto simpatizantes, undergrounds moderados, "extremos" ou aqueles tachados de *posers*: copiam elementos de uma determinada subcultura apenas para tornarem-se populares entre os grupos, mas que não são autênticos.

Nos *encontros* são formadas temporariamente diversas reuniões informais, as quais definem o que será feito e o que será utilizado para consumir, assim também, ajudando a definir tacitamente quem por ventura poderá se juntar à reunião. O tipo de bebida e em que quantidade será utilizada, o tipo de vestimenta, se é moderada ou extravagante ("bem Emo", "bem *underground*"), configura o padrão de consumo, um importante elemento para socialização e identificação (SLATER, 2001). O que é feito e utilizado varia desde o simples papear até (às vezes nas reuniões menos expostas publicamente), beijos entre mais de duas pessoas, namoro homossexual, consumo de entorpecentes, embriaguez decorrente da rapidez com que se ingere álcool e, mais raramente, automutilação em grupo. Para os de fora, muitos desses elementos que compõem as interações

[5] Além dos artigos, temos outros tipos de publicação, como relatórios de pesquisa e guias de ajuda, no intuito de esclarecer as pessoas sobre a automutilação e o suicídio e de como preveni-los. Vale ressaltar que a grande parte deste material foi publicado na década de 2000, período em que o self-harm tornou-se mais discutido e os primeiros casos de suicídio "emo" vieram à mídia. Ver, por exemplo, LORD ALDERDICE (2010), RICHARDSON (2006), STRICKLAND (2006), LELLIOTT (2004), PRASAD (2001).

pareceriam inapropriados ou repulsivos. Pela simples aparência e o padrão de comportamento, muitos destes jovens destoam dos padrões que a sociedade normativa tende a recompensar, muito embora exista uma forte tolerância pelo mercado, que ajuda a difundir muitas destas modas e estilos de vida, ao passo que estas podem manter o distanciamento com o convencional e o artificial:

> The market not only accepts subcultures and post-subcultural movements, but it is willing to satisfy the demands of this niche. The negotiation of values does not deprive such movements of all its anti-mainstream features. All in all, society has become more tolerant toward (post-)subcultures, which are not seen as a threat, unless some kind of moral panic arises, and even subcultural movements have access to the media. Subcultures primarily express individual tastes, values and styles (MIERNIK, 2013, p. 187).

Tendo isso em vista, acreditamos que uma investigação profícua deva evitar postura analítica tentadora, que seria procurar motivações para o comportamento autodestrutivo em valores supostamente intrínsecos de uma subcultura ou "tribo" jovem. Do ponto de vista sociológico, seria discutível inferir que uma tribo urbana – como tem sido vistos por *outsiders* Emos e Góticos, induza à automutilação ou ao suicídio. YOUNG et al (2007), em uma pesquisa realizada com 1258 jovens, sugerem que a automutilação pode ser um valor integrante de uma dada subcultura, no caso, a gótica, ou ainda que o indivíduo suscetível a se cortar seja atraído para dentro do grupo desviante:

> Self harm could be a normative component of Goth subculture including emulation of subcultural icons or peers who self harm (modelling mechanisms). Alternatively, it could be explained by selection, with young people with a particular propensity to self harm being attracted to the subculture (p. 1060)[6].

Ao contrário do que a ideia acima transmite, em várias situações desta pesquisa muitos dos indivíduos que relataram automutilação nem sequer se percebiam pertencentes a alguma tribo em particular. Embora apenas na aparência eles carreguem um estilo alternativo ou anticonvencional que possa ser confundido com Emo ou Scene kid, o importante é aquilo que demonstram através do comportamento e da fala, abrindo o acesso para uma percepção mais completa do estado de sentimento dos sujeitos.

Sendo assim, pensando a partir de mecanismos sociais de coibição, podemos trabalhar com a hipótese de que o risco em potencial que conduz à prática da autolesão pode estar associado também às consequências da punição ou reprovação que o sujeito sofre. Isso devido ao fato de estar ligado a uma subcultura de desvio, e não tanto pela subcultura em si mesma.

É fundamental considerar que:

> os controles sociais afetam o comportamento individual, em primeiro lugar, pelo uso do poder, a aplicação de sanções. O comportamento valorizado é recompensado, e o comportamento negativamente valorizado é punido. Como seria difícil manter o controle caso a imposição se tornasse sempre necessária, surgem mecanismos mais sutis que desempenham a mesma função. Entre eles está o controle do comportamento, obtido influenciando-se as concepções que as pessoas têm da atividade a ser controlada e da possibilidade ou exeqüibilidade de se envolver nela (...). Tais situações podem ser ordenadas de tal maneira que os indivíduos passam a conceber a atividade como desagradável, inconveniente ou imoral, não devendo portanto ser praticada (BECKER, 2008, p. 69-70).

---

[6] A automutilação pode ser um componente normativo da subcultura gótica, incluindo emulação de ícones subculturais ou coleguismo entre os que se automutilam (mecanismos de modelagem). Alternativamente, poderia ser explicada pela seleção por parte dos jovens com uma propensão especial para automutilação, que se sentem atraídos para a subcultura (p. 1060). (Tradução livre, do autor).

Por este motivo, na análise do comportamento social muitas vezes lidamos com *camadas superpostas de desvio* (ver Figura 2). Mesmo quando um jovem adota um estilo demasiado anticonvencional, pouco importando que se auto-intitule um Emo ou um Gótico, pode ser encarado como inapropriado para uns, e não para outros, também variando com o contexto situacional (GOFFMAN, 2010).

No entanto, fazer cortes nos próprios braços (também nas pernas, barriga ou até nuca) seria encarado como um distúrbio sério. Ou ainda, pelo contrário, visto como um ato inautêntico ou superficial – "é só para chamar atenção dos outros" – como tem dito alguns que estão inseridos nos cenários *undergrounds*.

Neste caso em particular, presume-se que apenas um *cutter* pode entender como se sente outro *cutter*: "os de fora nunca vão entender. Eles sempre vão te julgar, mas eles não sabem os motivos que levam a pessoa a fazer isso. É patético uma pessoa julgar a outra". De igual modo, podem perceber quando o ato não passa de uma "brincadeira ou tolice".

Figure 2. Algumas reuniões *undergrounds* em um dos encontros em uma noite de sábado. Note-se uma espécie de meia listrada usada nos braços pelo garoto ao fundo. Segundo informantes, é uma das formas usadas para esconder as cicatrizes deixadas pelos cortes. Pode-se dizer que, provavelmente o indivíduo seja um *cutter*, ocultando uma de suas camadas desviantes. Nestes encontros, um *cutter* pode, por exemplo, exercer a bissexualidade, exibir seu estilo *under* (diminutivo para *underground* comum entre eles), mas, tendo em vista as sansões, oculta seus cortes. Fonte: Próprio autor, Junho de 2012.

Pelo fato de o indivíduo ser *underground*, passa a sofrer, em cada caso, certos graus de rejeição social, levando-o desde à rotulação, ao isolamento social, muitas vezes agravado pela rejeição dos pais ou cuidadores. Tem-se ai um estado *otimizado* para o desencadeamento de ações autodestrutivas. Observemos o

seguinte relato de um jovem *underground* que tem problemas com automutilação:

> Moro próximo ao Castelão [periferia de Fortaleza]. Tenho 19 anos, e moro com minha mãe.
> Eu me corto pra passar as raivas e angústias. Eu não aprendi com ninguém, apenas quando eu tô com raiva eu fico com vontade de matar ou quebrar tudo, ai em vez de fazer isso desconto minha raiva me cortando e a raiva passa.
> Eu não me considero de nenhuma tribo urbana, eu mesmo crio o meu estilo. O meu modo de eu me vestir é que fazem com que as pessoas fiquem me rotulando.

Este depoimento revela os "bastidores emocionais" da vida íntima de indivíduos que compõem o cenário da sociabilidade *underground*. Marcado por moda, estilo e toda uma variedade de gostos musicais alternativos, tal cenário pode acolher ansiedades e aflições que podem passar desapercebidos. Trabalhar com a angústia e a melancolia no meio jovem urbano é dar voz ao agente, de um modo distinto de perspectivas clínicas mais ortodoxas. De fato,

> clinical research on the emotional aspects of self-injury is limited in a number of ways. The importance of the socio-cultural context of emotions is rarely, if ever, acknowledged. Emotions tend to be treated as universal and relatively unproblematic categories, with data generally collected through the use of highly structured clinical questionnaires (CHANDLER, 2012, p. 444)[7].

Concordamos com a posição segundo a qual os pesquisadores deveriam se concentrar nas técnicas de administração do estigma por parte de quem se corta e no contexto onde se dão as motivações que conduzem à autolesão.

Entender suas motivações para uma atitude um tanto extrema implica uma pergunta básica para a análise: quem são aqueles que se cortam? Imediatamente, esta questão nos coloca outra indagação também primordial: em que contexto se encontra o indivíduo que se corta? Este problema, a preocupação central do trabalho de HODGSON (2004), conduz-nos a sociologia do corte. Perguntar em que contexto social ou em que condições o agente que despeja a lâmina em sim mesmo vive, é também levar em consideração o contexto emocional e afetivo subjacente à vida social humana. Isto posto, ao passo que não nos focamos na subcultura em si mesma, pode-se suspeitar que as atividades que concentram podem, elas mesmas, serem consequências das características e propriedades destes contextos afetivos, como sugere o depoimento anterior. É neste sentido estrito que entendemos dar voz ao sujeito, e não simplesmente, ou apenas, realizar entrevistas ou enquetes.

Nestes termos, a noção de segurança ontológica parece ser esclarecedora para as colocações subsequentes. De acordo com GIDDENS (2002), "é ter, no nível do inconsciente e da consciência prática, 'respostas' para questões existenciais fundamentais que toda vida humana de certa maneira coloca" (p.49). É a garantia de que o indivíduo poderá prosseguir com sua rotina ao longo do tempo-espaço. Este senso de segurança pode não se manter coeso o suficiente para o agente ir adiante em meio às adversidades, dando lugar a ações regressivas como uma alternativa de recuperar o autocontrole.

---

[7] A investigação clínica sobre os aspectos emocionais da autolesão é limitada em muitos aspectos. A importância do contexto sociocultural das emoções é raramente, ou nunca, reconhecida. As emoções tendem a ser tratadas como categorias universais e relativamente sem serem problematizadas, geralmente com coleta de dados através da utilização de questionários clínicos altamente estruturados (Chandler, 2012, p. 444). (Tradução livre, do autor).

Pode ser um desejo de expressar algo que vai muito além de um pressuposto de demência ou incapacidade de lidar com uma realidade normativa supostamente saudável, efetiva e mantenedora de laços sociais.

O *cutting*, ato intencional sem o propósito de suicídio, concordando com HODGSON (2004), ALFONSO (2007), HARRIS (2000) e WHITLOCK (2009), pode ser alguma espécie de fuga, um método rápido e eficaz – do ponto de vista de quem o pratica, para que o sujeito não sucumba às suas próprias angústias, que, de outro modo, o lançariam em direção a uma condição existencial insuportável, sem condições de lidar cara a cara com uma realidade emocional marcada por conflitos, insegurança e indiferença.

Praticamente todos os jovens com os quais criamos maior aproximação, relataram muitos tipos de tensões de relacionamento com seus pais, muitos dos quais só moram com um deles. Como no relato acima transcrito, estas tensões trazem momentos de grande desestabilização emocional. Talvez sem o método do corte as atividades mais banais da vida cotidiana seriam suspensas. Como o indivíduo usa o recurso para poder prosseguir, acaba por estabelecer uma estranha espécie de dependência, um vício que tem sido uma queixa comum entre muitos adolescentes, tanto entre os que tivemos contato direto, como entre aqueles de comunidades virtuais, onde é ainda mais fácil de auferir esta ideia, pois aí os *cutters* encontram-se "protegidos" pela tela digital, expondo mais abertamente fatos de suas vidas e de seu estado emocional.

3.3. Liberdade e controle social em torno das novas modas jovens comportamentais

Encarar a automutilação como escolha voluntária de desvio é radical do ponto de vista sociológico, uma vez que rompe com uma interpretação estritamente médica e psicológica, quando atribui a este comportamento características internas, um distúrbio de personalidade. Poucos estudos na área psiquiátrica adotam uma postura menos ortodoxa, reconhecendo que as intervenções biomédicas sozinhas não são tão efetivas quando não são considerados aspectos como desvantagens sociais e circunstâncias pessoais caóticas (YOUNG *et al*, 2007, p 49).

Conforme visto em alguns relatos, os agentes sociais estão sujeitos a vários tipos de pressão, nada incomum ao contexto de vida daqueles que sentem forte necessidade de se sociabilizarem nos encontros tidos como *undergrounds*. Talvez seja por este motivo que neste cenário não tenha sido difícil descobrir jovens que praticam ou já praticaram o corte, como também tentaram o suicídio. Pela mesma razão, fora destes ambientes talvez tivesse sido inviável adquirir a confiança mínima para uma aproximação e posterior diálogo com alguns desses jovens que lançam mão do corte para resolver ou aliviar seus dilemas existenciais.

Diante das tensões, a automutilação é uma das *escolhas autodestrutivas* para lidar com um contexto marcado por conflitos interpessoais e, em certos casos, formas severas de desconfiança nos outros e de isolamento afetivo (pais ausentes ou alcóolatras, agressivos ou indiferentes). Se para os *punks* do passado a heroína era uma alternativa de fuga de realidade marcada pela opressão econômica, alguns jovens "anormais" de hoje,

devedores do próprio punk desde a roupa até a linguagem, parecem ter sua droga na automutilação. Enquanto o *punk* vivia sobre alta dosagem de ideias políticas (anarquista ou anarco-punk), o indivíduo pós-punk encontra o suporte no consumo (a mistura de estilos) e na sociabilidade virtual, ficando cara a cara com o esvaziamento ideológico. Muitos *cutters*, sejam Emos, Góticos ou simpatizantes, procuram as *reuniões undergrounds* por sua grande tolerância, além de permitir a interação com outros que, embora não pratiquem a automutilação, compartilham de muitos dos seus problemas, como viver em famílias separadas ou não ser aceito devido à condição homossexual. Se em muitos aspectos as subculturas emergentes rumam ao *mainstream* – se olharmos para suas bandas de rock, para os tênis que usam – por outro lado não deixam de chocar os *outsiders*, entre os quais alguns irão se empenhar na tarefa de constranger e estigmatizar as novas modas urbanas. Do ponto de vista conservador, as pessoas "normais" parecem manter a crença de que as instituições correm o risco de degeneração pela propagação de "loucuras, aberrações e manias" sem propósito aparente.

As posições e atuações da mídia institucional podem fazer aumentar o preconceito oriundo da quebra de convenções sociais e do senso comum, geralmente divulgando informações equivocadas. Isso se configura perfeitamente como mecanismos de controle moral. A este respeito, dentre outros casos[8], observemos a seguinte matéria sobre o já citado caso da jovem Hannah Bond.

É assim que Tom Rawstorn, do tablóide britânico Dailymail, intitula sua matéria sobre o perigo das modas jovens de hoje: "Hannah was a happy 13-year-old until she became an 'emo' - part of a sinister teenage craze that romanticises death. Then she hanged herself. Her devastated mother tells other parents: No child is safe"[9]. Aqui, o jornalista ocupa o *status* de empreendedor moral. Tomemos de empréstimo esta esclarecedora passagem de BECKER (2008):

> Regras não são feitas automaticamente. Ainda que uma prática possa ser prejudicial num sentido objetivo para o grupo em que ocorre [automutilação, sequelas de tentativas de suicídio, **Grifo nosso**], o dano precisa ser descoberto e mostrado. Para que uma regra seja criada, alguém deve chamar a atenção do público para esse assunto, dar o impulso necessário para que as coisas sejam realizadas e dirigir as energias suscitadas na direção certa. O desvio é fruto de um empreendimento no sentido mais amplo; sem o empreendimento necessário para que as regras sejam feitas, o desvio que consiste na infração da regra não poderia existir (p. 167).

Neste caso, o jornal elege um grupo, e de uma só vez o define e o desqualifica (**sinister** teenage **craze**), destituindo-o de sua autonomia e originalidade como um tipo particular de expressão, certamente em uma tentativa de confrontar a ambiguidade subcultural em ascensão. Isto reduz o Emo ou o Gótico a uma dimensão entorpecente. Este e outros empreendedores morais (médicos, professores, cientistas) têm obtido relativo sucesso ao popularizar o estilo Emo não só como uma subcultura, mas também como um desvio de

[8]O duplo suicídio na Austrália, dos adolescentes Jodie Gater e Stephanie Gestier, levaram a mídia a focar suas matérias, em forte tom alarmista, nas redes sociais da subcultura emo (Sargeant, 2007).

[9] Hannah era uma típica garota de 13 anos feliz, até que se tornou emo: parte de um culto adolescente sinistro que glamouriza a morte. Então ela se enforcou. Sua mãe, devastada, diz para outros pais: nenhuma criança está segura. Fonte: http://www.dailymail.co.uk/femail/article-1019750/The-tragic-story-happy-popular-intelligent-13-year-old-committed-suicide-emo.html#ixzz2HkOK11J2, acesso em 10 junho, 2014. (Tradução livre, do autor).

comportamento. Foi se distanciando ainda mais do sentido artístico e *underground* de que gozava em meados de 1980.

Em estudo a partir de dados qualitativos oriundos de duas redes sociais de Emos, uma restrita à África do Sul e outra mais internacional, ZDANOW, WHIGHT (2013) parecem não se distanciar muito do tom alarmista da mídia. O trabalho aponta em direção a uma cultura de auto-lesão que vai sendo mantida entre os pares. Nas referidas redes sociais, identificam uma série de discussões recorrentes sobre suicídio e automutilação, concluindo o seguinte:

> A normalization, glorification and acceptance of depression and self-mutilation were prevalent throughout the online dialogues examined. Cutting as a major form of self-harm was brought up in almost all of the discussions examined and the overall emo perspective of the activity was found to be positive, with teenagers expressing their affirmative opinions of the behaviour openly and without reserve. This positive portrayal of self-harm not only has the potential to encourage the behaviour but may also give teenagers a means to justify their activities based on its acceptance by others within the groups (p. 95).[10]

De qualquer modo, é preciso esclarecer, tanto a estigmatização como a adoção interna, por parte do grupo, de valores que tornam positivo um ato destrutivo, reforça ainda mais situações de constrangimento social (GOFFMAN, 2011), resultando em um maior grau de rejeição àquilo que parece ser estranho, tolo ou até ameaçador. É deste modo que comportamentos anti-sociais empurram o indivíduo ainda mais na direção de sociabilidades particularizadas. Neste caso, os riscos – e portanto os custos envolvidos em assumir uma identidade desviante – aumentam potencialmente.

Um jovem pode ter perfeita noção de como proceder em determinados ambientes. Como um agente consciente, ele monitora tanto sua ação como avalia o contexto no qual se desloca:

> [Então você se veste às vezes mais "normal" por que tem medo de agressões?] Sim, porque eu tenho medo mano. A sociedade tem preconceito, fazem piadinha, e tem gente que tem medo pelo estilo muito under [As pessoas temem alguém muito estranho?]. Pensam que a gente é vagabundo, e sou muito medroso e evito essas coisas **moderando meu estilo** [Grifo nosso]**.**

A intensidade do empreendimento moral, é preciso pontuar, depende também do contexto cultural onde o processo é desencadeado. Enquanto que em algumas democracias liberais, "jovens emos suicidas" podem ser desdenhados e até sofrer o famoso *bullying* (ou *cyberbullying*), em outras culturas a punição pode ser formalizada ou extremada, como na controversa lei anti-emo na Rússia[11], feita para evitar a propagação desta moda considerada "afeminada e depressiva", ou como os recentes casos de assassinatos de jovens emos e gays no Oriente Médio (Figura 3).

---

[10] A normalização, glorificação e aceitação de depressão e automutilação predominaram os diálogos *online* examinados. O corte como uma das principais formas de automutilação foi trazido em quase todas as discussões analisadas, e numa perspectiva global a atividade emo foi encontrada como sendo positiva, com os adolescentes expressando suas opiniões afirmativas de comportamento abertamente e sem reservas. Este retrato positivo da automutilação não só tem o potencial de incentivar o comportamento, mas também pode dar aos adolescentes um meio para justificar suas atividades com base em sua aceitação por outros dentro dos grupos (p. 95). (Tradução livre, do autor).

[11] A notícia da nova lei logo se espalhou pelos blogs da Internet em 2008, uma medida que visava regular sites dedicados ao gênero e proibir suas roupas nas escolas. Ver, por exemplo,; http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL689504-7085,00-NOVA+LEI+PODE+PROIBIR+EMOS+NA+RUSSIA.html, acesso em 10/10/2011.

Figura 3 – Jovens árabes que adotaram um estilo de vida *underground* ocidental, expressando também o impacto da globalização da cultura de consumo jovem contemporânea. Matéria trata dos frequentes assassinatos contra emos e gays no Iraque. Fonte: Levine, 2012, recuperado de http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/03/201231911938716976.html, em 05 junho, 2014.

Em contextos sociais onde a autoridade moral é mais evidente, sobretudo a religião, a postura da sociedade frente às novas subculturas de consumo jovens pode ser extremamente agressiva, caso em que, na qualidade de desviantes, os sujeitos não são tolerados, sendo destituídos de todos os direitos. Nas sociedades democráticas liberais, muitos dos dilemas que um adolescente sofre podem ser difíceis de associar a uma causa aparente, uma vez que gozam de liberdade, consumo e informação – uma jovem livre dos danos de um lar desfeito, com acesso à Internet, em seu próprio quarto não teria razões para tristeza e melancolia tão acentuada que justificasse o vício em cortes e até ideações suicidas, como Hannah Bond. Em contraste, no Oriente Médio as aflições dos jovens são mais precisamente demarcadas: regimes autoritários, opressão e guerras, o que faz deste cenário um grande receptor de música alternativa, como hip-hop, punk, *heavy* metal e mesmo o *hardcore* emo (LEVINE, 2012).

Não se pode excluir ou menosprezar, em uma perspectiva interacionista, elementos que atuam na criação de condições psicológicas depressivas, às vezes interferindo antes mesmo da influência do grupo para que tais condições prevaleçam, ou se tornem uma rotinização, para usar uma terminologia giddensiana (GIDDENS, 2003).

O comportamento dos grupos urbanos alternativos deve ser observado e analisado como processos que a todo instante estão sendo afetados por fatores interpessoais e afetivos. As motivações para se aderir a uma moda jovem, em especial o pós-*hardcore* punk em franco crescimento, podem ter origem nas aflições comuns à fase adolescente e exacerbadas por condições sociais específicas. O mundo adolescente da mídia virtual e das modas alternativas, que impulsiona toda uma complexa rede de consumo, pode ofuscar outras questões. A moda comportamental não está dissociada de condições sociológicas e psicológicas, de tal modo

que uma esfera pode influenciar a outra, em mão dupla.

4. Considerações finais

A partir da perspectiva que este trabalho foi realizado, a melancolia e a automutilação que ocorrem dentro de certas subculturas parecem não ter conexões sociológicas tão improváveis ou difusas com processos sociais mais amplos. Enquanto a automutilação tem sido avaliada mais sob o olhar da medicina e da psicologia, o presente estudo, por sua vez, procurou uma visão menos clínica ou controlada, buscando imprimir um olhar sistêmico da complexa fronteira entre doença, compulsão e modo de vida, o que esperamos ter sido suficientemente discutido.

Acreditamos que o conhecimento das estratégias dos sujeitos para lidar com os problemas de ordem moral, seja quando escolhem ser diferentes, seja indo ao extremo lançando mão dos cortes e de outras formas de comportamento autodestrutivo, é necessário para, juntamente com as outras perspectivas médicas e psicológicas, compreender e auxiliar adolescentes e jovens que se encontram em dificuldades. Com este pensamento é que devemos procurar aprofundar o estudo do contexto e das interações sociais que marcam a vida de quem está envolvido pelo *self-harm*, algo com características epidêmicas, como evidencia a crescente publicação de informativos e outros guias para adolescentes.

Neste caso específico, é provável que entre a automutilação, a busca do isolamento ou o consumo compulsivo de cigarros, de álcool ou de drogas ilícitas não exista uma enorme distância. Um e outro podem reservar a intenção consciente do sujeito para prejudicar-se, uma espécie de mecanismo de "evitação" de outras angústias e aflições. Por sua vez, estes estados podem ter uma íntima relação com o ambiente externo, antes mesmo de ser resultado de uma mente pouco saudável.

O modo de lidar com a ambivalência pode ser distinto para os indivíduos de acordo com cada contexto de vida. Neste caso, muitas vezes as subculturas resolvem os problemas de aceitação e de identidade de um modo aparentemente doentio. Antes de qualquer coisa, estes modos de vida podem expressar um estado de insatisfação diante de valores ou normas da sociedade, o que conduz a uma individualização mais exacerbada.

4. REFERÊNCIAS

ADLER, Patricia A.; ADLER, Peter. The demedicalization of self-injury from psychopathology to sociological deviance. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 36, n. 5, p. 537-570, 2007.

Adler, P. A.; Adler, P. *The tender cut: Inside the hidden world of self-injury*. NYU Press, 2011.

ADLER, Patricia A.; ADLER, Peter. The demedicalization of self-injury from psychopathology to sociological deviance. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 36, n. 5, p. 537-570, 2007.

ALFONSO, Moya L. **The tip of the blade: Self-injury among early adolescents**. ProQuest, 2007.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Jorge Zahar Editor, 2008.

BOLLON, Patrice. **A moral da máscara**: **merveilleux, zazous, dândis, punks, etc**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BOUDEWYN, Arne Cornelius; LIEM, Joan Huser. Childhood sexual abuse as a precursor to depression and self-destructive behavior in adulthood. **Journal of Traumatic Stress**, v. 8, n. 3, p. 445-459, 1995.

CHANDLER, Amy; MYERS, Fiona; PLATT, Stephen. The Construction of SelfInjury in the Clinical Literature: A Sociological Exploration. **Suicide and life-threatening behavior**, v. 41, n. 1, p. 98-109, 2011.

CHANDLER, Amy. Self-injury as embodied emotion work: managing rationality, emotions and bodies. **Sociology**, v. 46, n. 3, p. 442-457, 2012.

CHOLACHATPINYO, A. et al. A conceptual model of the fashion process–part 1: the fashion transformation process model. **Journal of Fashion Marketing and Management**, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2002.

CHRISTENSON, Jacob D. BOLT, Kirsten. Self-Injurious Behavior: Who's Doing It, What's Behind it, and How to Treat It **Journal Therapeutic Schools and Programs**. Aspen Achievement Academy, Loa, Utah, 71-87, 2011.

CUSSON, Maurice. Desvio**. In:** BOUDON, Raymond. **Tratado de sociologia**. Jorge Zahar Editor, 1996, Cap. 10, p. 413-448.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Zahar Editores, 1976.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOFFMAN, Erving. **Rituais de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos**. Vozes, 2010.

HASSOUN, Jacques. **A crueldade melancólica**. Civilização Brasileira, 2002.

HAWTON, Keith; JAMES, Anthony. ABC of adolescence: suicide and deliberate self harm in young people. **BMJ: British Medical Journal**, v. 330, n. 7496, p. 891, 2005.

HEBDIGE, Dick. **Subculture: the meaning of style.** London: Taylor & Francis e-Library, 2002.

HOME, Stewart. **Assalto à cultura:** utopia, subversão, guerrilha na (anti) arte do século XX. 2 ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

HORNE, Outi; CSIPKE, Emese. From feeling too little and too much, to feeling more and less? A nonparadoxical theory of the functions of self-harm. **Qualitative health research**, v. 19, n. 5, p. 655-667, 2009.

LELLIOTT, Paul *et al*. Self-harm: the short-term physical and psychological management and secondary prevention of self-harm in primary and secondary care. National Clinical Practice Guideline Number 16. **The British Psychological Society & The Royal College of Psychiatrists**, 2004. www.bps.org.uk; www.rcpych.ac.uk.

LEVINE, Mark. (2012, Março). Killing emos, and the future, in Iraq. *Aljazeera.* Recuperado em 15 janeiro,

2013, de http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/03/201231911938716976.html.

LINEHAN, M. M. **Cognitive behavioral treatment of borderline personality disorder**. Guilford Press, 1993.

LINEHAN, M. M. **Vencendo o transtorno da personalidade borderline com a terapia cognitivo-comportamental:** manual do paciente. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LORD ALDERDICE, John *et al*. Self-harm, suicide and risk: helping people who self-harm. **Royal College of Psychiatrists**, Final report of a working group, 2010. http://www.rcpsych.ac.uk/files/pdfversion/cr158.pdf.

MIERNIK, Mirosław Aleksander. The Evolution of Emo and its Theoretical implications. **Polish Journal for American Studies**, p. 175, 2013.

MOORE, Ryan. Postmodernism and punk subculture: Cultures of authenticity and deconstruction. **The Communication Review**, v. 7, n. 3, p. 305-327, 2004.

PRASAD, Vibhore; OWENS, David. Using the internet as a source of self-help for people who self-harm. **Psychiatric Bulletin**, v. 25, n. 6, p. 222-225, 2001.

RICHARDSON, Celia. The truth about self-harm: for young people and their friends and families. **Camelot Foundation & Mental Health Foundation**, 2006. http://www.thesite.org/healthandwellbeing/mentalhealth/selfharm.

RYLE, Anthony. The contribution of cognitive analytic therapy to the treatment of borderline personality disorder. **Journal of Personality Disorders**, v. 18, n. 1, p. 3-35, 2004.

HODGSON, S. Cutting through the silence: a sociological construction of self-injury. **Sociological Inquiry** 74:162-79, 2004.

SARGEANT, Jack. It's Hard to Be Emo and Be Respected. **The Australian**, v. 3, n. 10, 2007. Disponível em http://www.theaustralian.com.au/opinion/jack-sargeant-its-hard-to-be-emo-and-be-respected/story-e6frg6zo-1111113456829.

SCOURFIELD, Jonathan; ROEN, Katrina; MCDERMOTT, Liz. Lesbian, gay, bisexual and transgender young people's experiences of distress: resilience, ambivalence and self-destructive behaviour. **Health & social care in the community**, v. 16, n. 3, p. 329-336, 2008.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade – Exame**. NBL Editora, 2001.

STRICKLAND, Matt. An information booklet for young people who self harm & those who care for them. **Logan-Beaudesert Mental Health Service** Queensland Health,2006. http://www.decd.sa.gov.au/speced2/files/pages/chess/hsp/Information/revised_selfharm_finalweb.pdf

SZEMERE, Anna. **Up from the underground**: the culture of rock music in postsocialist Hungary. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001.

WHITE, Edmund. **City boy:** minha vida em Nova York. São Paulo: Benvirá, 2012.

WHITLOCK, J. L., Powers, J., ECKENRODE, J. E. The virtual cutting edge: Adolescent self-injury and the Internet. **Developmental Psychology***, 42*, 1-12, 2006.

WHITLOCK, Janis. The Cutting Edge: Non-Suicidal Self-Injury in Adolescence. **Research Facts and Findings. Online verfügbar unter: http://www. actforyouth. net/resources/rf/rf_nssi_1209. pdf, Stand**, v. 3, p. 2012, 2009.

WILLIAMS, Rosalind H. **Notes on the Underground**: An Essay on Technology, Society, and the Imagination. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2008.
WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinqüência**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

YOUNG, R., SWEETING, H., &WEST, P. Prevalence of deliberate self harm and attempted suicide within contemporary Goth youth subculture: Longitudinal cohort study. **British Medical Journal***, 332*, 1058-1061, 2006.

YOUNG, Robert, VAN BEINUM, Michael, SWEETING, Helen, WEST, Patrick. Young people who self-harm. **British Journal of Psychiatry**, 191, 44-49, 2007.

ZDANOW, Carla; WRIGHT, Bianca. The Representation of Self Injury and Suicide on Emo Social Networking Groups. **African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie**, v. 16, n. 2, p. 81-101, 2013.